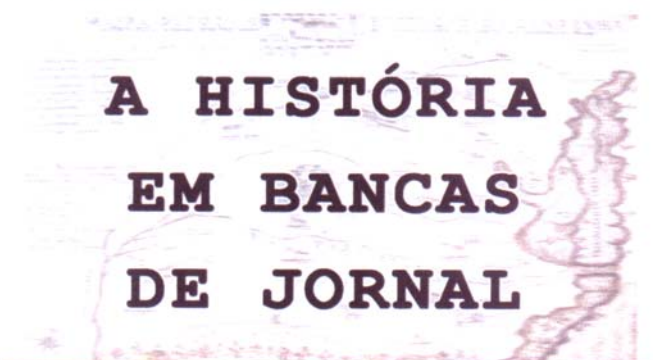




# **ECLÉTICA 2005**

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP



## **A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL**

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer  
Monitora PAE - Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro  
Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I  
0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.

# A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Raquel Glezer<sup>1</sup>

## Introdução

As experiências dos professores das disciplinas teórico-metodológicas em curso de História, bacharelato ou licenciatura, podem ser generalizadas, pois usualmente enfrentam incompreensões por parte do alunado e de colegas. Não importam as denominações: Introdução aos Estudos Históricos ou Metodologia da História; Filosofia da História; Teoria da História; História da Historiografia... Afinal, para que elas servem? O que fazem em um currículo sobrecarregado?

As outras disciplinas obrigatórias de um curso de História possuem conteúdo definido por espaços geográficos (América, Brasil, África, Ásia), ou recorte cronológico (História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea). O recorte cronológico ainda se impõe ao recorte geográfico, apesar dos questionamentos apresentados nos últimos trinta anos, a partir da obra de Chesneaux<sup>2</sup> sobre o uso ideológico da periodização. As disciplinas optativas se organizam por temas, processos explicativos, fontes ou campos historiográficos.

Diversamente, as disciplinas teórico-metodológicas deslocam-se em espaços e tempos variados, pois podem se articular por conceitos, teorias explicativas, formulações teóricas de processos históricos, análises historiográficas de autores, temas relevantes, questões significativas ou momentos marcantes... quase sempre fugindo ao recorte espacial e/ou ao cronológico.

Para os alunos, as disciplinas teórico-metodológicas se apresentam como um conjunto complexo. Têm dificuldade de reconhecer nelas o que conhecem como História, isto é, o campo de conhecimento que aprenderam a reconhecer como tal nos livros didáticos, manuais acadêmicos e livros dos historiadores. As discussões sobre o que são documentos, fatos históricos, fontes, memórias, monumentos, os questionamentos sobre os conceitos nos livros escritos pelos historiadores, ou os debates sobre os usos de cultura material, cultura imaterial, história oral, memória social, micro-história e macro-história, genealogia, memória local se apresentam como complicações do que aparenta ser simples e conhecido.

Qual a finalidade de uma disciplina como Teoria da História no processo de formação de um profissional da história? As reflexões que são propostas aos alunos têm qual finalidade? As respostas podem ser tão múltiplas como o campo: conhecer a História da História; perceber como o campo dos estudos históricos foi formado e quais as transformações que sofreu; aprender a reconhecer os conceitos e as teorias que embasam os trabalhos dos historiadores, identificar os pressupostos da seleção de temas, fatos e dos arranjos dos conteúdos. De forma sintética, reconhecer que o conteúdo da história que encontram nos livros é um produto cultural datado (linguagem, conceitos, preconceitos), da mesma maneira que os textos que produzem em seus trabalhos.

Para nós, professores nestas disciplinas, as questões teóricas devem fundamentar os trabalhos dos historiadores, quer os de pesquisa em campo, não importando o tipo de fonte explorada - arquivística, bibliográfica ou de história oral, quer os de análise historiográfica sobre as obras de historiadores, nas variadas formas que podem assumir.

---

<sup>1</sup> Profa. Titular Teoria da História e Metodologia da História/Departamento de História/FFLCH/USP; e-mail: [raglezer@usp.br](mailto:raglezer@usp.br).

<sup>2</sup> Cf. Jean Chesneaux. *Du passé faisons table rase? : a propos de l'histoire et des historiens*. Paris: F. Maspero, 1976; trad. brasileira *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

Tais questões estavam em nosso horizonte de preocupação quando propusemos aos alunos matriculados na disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno, no primeiro semestre de 2005, cujo programa havia sido formulado com o objetivo de possibilitar uma visão panorâmica de algumas formas de reflexão sobre a história até o início do século XX, com aulas teóricas e leituras de textos de alguns autores clássicos, algo a mais: um trabalho empírico, levando em consideração as restrições e limitações aos alunos dos cursos noturnos: biblioteca em horário restrito; arquivos, centros de documentação e museus fechados, nos horários que os alunos poderiam dispor para alguma atividade extra classe.

Que material poderia ser utilizado, que estivesse acessível e cujas informações complementares pudessem ser localizadas por quem cumpre oito horas de trabalho diárias em cinco dias por semana? A nossa proposta foi a de explorar um material recente, visível e de fácil aquisição, que existe e se oferece nas bancas de jornal – as revistas de divulgação de história, em suas múltiplas apresentações e em seus variados níveis de formulação.

Temos a certeza que nem todas as publicações existentes foram exploradas, pois tal não era a intenção da proposta, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos quase todas as etapas de um projeto de pesquisa, a partir da seleção de fonte e temas de interesse dos autores dos trabalhos, que foi respeitada, quer pela possibilidade de acesso<sup>3</sup>. Apesar da vasta rede de bancas de jornal existentes na área metropolitana, nem todas contém exatamente o mesmo conjunto de publicações, dependendo do local em que estão e da clientela a que atendem.

### **Em complementação**

Depois dos trabalhos de pesquisa e redação realizados e entregues, na fase de preparação e edição digital para inserção no sítio ([www.raquelglezer.pro.br](http://www.raquelglezer.pro.br)), encontramos na rede algumas referências sobre o mesmo assunto, como a indicação do trabalho de Iniciação Científica na Faculdade Cásper Libero de Marcela Rosa Mastrocola, denominado “Aventuras na História: intermediários culturais, mercado editorial e cultura de consumo”<sup>4</sup>, em nota, sem data, acesso ao texto ou resumo. E o texto de Thathiana Murillo, datado de 05.12.2004, com o título de “*Páginas do passado: o boom das revistas de História*”, no qual a autora traça um histórico das revistas de história de divulgação em vários países e o início de tais periódicos do Brasil, a partir de 2003<sup>5</sup>.

Não consideramos a nossa pesquisa exaustiva e é possível que existam outros estudos sobre o mesmo tipo de material.

---

<sup>3</sup> Os trabalhos, de modo previsível, concentraram-se nas revistas com maior facilidade de acesso: *Nossa História*, *História Viva*, *Aventuras da História*. Outras publicações foram também localizadas e selecionadas pelo interesse dos alunos. Ao menos uma publicação não foi explorada - a *Brasilis*, da editora Atlântica, do Rio de Janeiro, coordenada por Luis Felipe Baeta Neves. Ela era inicialmente vendida por assinatura, e só conhecemos os dois números iniciais. O sumário deles pode ser encontrado no sítio: <http://atlanticaeditora.com.br/>.

<sup>4</sup> No sítio [www.facasper.com.br/cip/iniciencia](http://www.facasper.com.br/cip/iniciencia): “tema: Estudo sobre o fenômeno das revistas de história no contexto da hipermodernidade, com base na análise da publicação *Aventuras na História ...*”; e-mail: [marcelamastrocola@gmail.com](mailto:marcelamastrocola@gmail.com).

<sup>5</sup> Thathiana Murillo. *Páginas do Passado: o boom das revistas de História*, datado de 12.05.2004, no sítio O cisco, <http://www.ocisco.net/thati10.htm>; e-mail [thathanamurillo@uol.com.br](mailto:thathanamurillo@uol.com.br).

## 1. Enfrentar os preconceitos

A seleção do material para ser pesquisado decorreu de sua facilidade de acesso, por um lado. Em nossos dias, a história está nas bancas de jornal, em formas variadas. Está nos jornais diários - que são uma das fontes para a história do tempo presente e para a história contemporânea; nas revistas semanais e/ou mensais de viés informativo ou analítico de variadas tendências políticas; nas coleções de obras clássicas para divulgação – como a coleção ‘Os Pensadores’ ou a coleção ‘Pensadores Brasileiros’. Seleccionamos uma materialidade específica - as revistas de temas históricos, voltadas para o público consumidor não-especializado.

A multiplicidade de periódicos e publicações de assuntos variados nas bancas de jornal é indicativo de alguns processos característicos da sociedade contemporânea pós-industrial: a ampliação do público leitor, decorrente dos processos de urbanização e alfabetização; a ampliação do acesso ao conhecimento; o atendimento pelas empresas editoras de todas as áreas de interesse do público leitor, em suas múltiplas identidades sociais<sup>6</sup>. Este foi o outro elemento fundamental para a escolha do objeto – a possibilidade de captar um fenômeno social ‘quente’, em sua concretização, na vivência do processo, que precisa ser analisado e compreendido. Em nossos dias, a diversificação da mídia impressa, em miríades de pequenas empresas gráficas – algumas das quais de vida curta, ao lado dos conglomerados de empresas gráficas e das de mídias, soma-se ao complexo jogo dos cruzamentos de todas as mídias – imprensa, cinema, televisão, eletrônicas, digitais...

Lembremos também que em nossos dias há associações entre empresas, para atingir determinados segmentos do público, com a criação de marcas novas, ocultando a empresa principal e dificultando o acompanhamento das questões mercadológicas.

Alunos de graduação estão acostumados com a leitura de textos selecionados por professores – capítulos de livros e/ou artigos publicados em periódicos acadêmicos, cujos padrões correspondem aos parâmetros da comunidade científica. Não há a preocupação com o perfil da publicação, pois a responsabilidade de seleção é do professor. A valoração realizada é pela especialidade do autor, respeitabilidade da revista, reconhecimento da instituição que a publica - todos elementos de identificação de comunidade científica e de reconhecimento entre pares.

As próprias revistas acadêmicas se transformaram, no decorrer do século XX, de recurso informativo e quase que exclusivamente erudito, em fontes reconhecidas para os trabalhos historiográficos, e hoje são objetos de pesquisa para análises de conteúdo, que variam conforme as orientações dos campos historiográficos.

Por outro lado, raramente o material de vanguarda do conhecimento, o da ‘literatura cinza’<sup>7</sup> é utilizado, mantendo-se como exclusividade do circuito especializado e restrito dos pesquisadores.

No país, há crescente desenvolvimento do campo de pesquisa sobre a história do livro e da leitura<sup>8</sup>. As revistas de literatura, de educação e as semanais gerais têm recebido

---

<sup>6</sup> Sobre as identidades sociais contemporâneas, ver Serge Moscovici. *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

<sup>7</sup> Literatura não convencional, conhecida por ‘literatura cinza’ (teses, folhetos, anais, proceedings, relatórios de pesquisas, notas técnicas, indicadores de ciência e tecnologia, preprints, publicações seriadas e trabalhos não publicados). Cf. <http://www.ige.unicamp.br/site>.

<sup>8</sup> Ver: a) sitio: [www.livroehistoriaeditorial.pro.br/](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/), do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11 de novembro de 2004, na Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de

atenção sistemática desde a década de setenta do século XX, vasto material que pode ser encontrado nas bibliotecas. Contudo, são escassos os estudos analíticos sobre as revistas de história no país, com exceção dos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que utilizam o seu periódico, o mais antigo do país, datado de 1838, mais como fonte sobre a instituição do que como objeto de análise<sup>9</sup>.

A proposta de analisar as publicações encontradas em bancas de jornal foi, por alguns alunos, questionada pelo fato de não ser este um material ‘respeitável’. A desqualificação é devida ao fato de revistas comerciais não terem a mesma estrutura formal dos periódicos acadêmicos, principalmente a revisão por pares. E que os artigos não poderiam ter conteúdo acadêmico e ser resultado de trabalho de pesquisa de historiadores. A maior crítica foi que as revistas comerciais tinham como alvo um público genérico e não-especializado. Afinal, trabalhar com ‘material de divulgação ou vulgarização’ não era um trabalho adequado aos historiadores em formação<sup>10</sup>.

No decorrer da pesquisa, mesmo os alunos mais renitentes acabaram mudando de opinião, pois conseguiram verificar que entre as revistas para o grande público existem níveis diferenciados de informação, apresentação de resultados de pesquisa, debates sobre questões de momento e um trabalho de apresentação ao público de textos escritos por historiadores. O conteúdo apresentado depende do público visado pela revista.

## 2. A popularização da cultura

O fenômeno do público consumidor de produto cultural oferecido em bancas de jornal no Brasil data dos anos sessenta do século XX, quando a Editora Abril<sup>11</sup> lançou edições de obras em fascículos, mas continuou mantendo-se basicamente como uma editora de histórias em quadrinhos infantis e juvenis, e, de publicações românticas destinadas a adolescentes e mulheres jovens, vendidas em bancas. Na área específica da História, a primeira foi a coleção ‘Grandes Personagens da Nossa História’ - biografias de personagens da História do Brasil, em fascículos, com textos escritos por professores de história. E depois, nos anos da ditadura militar, lançou a coleção ‘Os pensadores’-volumes encadernados de obras de autores clássicos da cultura ocidental, que muitas

---

Janeiro; b) sitio da Intercom: [www.intercom.org.br/](http://www.intercom.org.br/), especificamente para os textos resultantes de pesquisa apresentados nos eventos da área: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>.

<sup>9</sup> Ver, entre outros: Isa Adonias. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos*. Rio de Janeiro: Studío HMF, 1990; Virgílio Correia Filho. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 255, 1962; Max Fleiüss. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: IHGB, 1938; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial": o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 156, 388, 1995; Manoel Luís Salgado Guimarães. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, no. 1, 1988, pp. 5-27;-----De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, volume 4, no. 1, 1989, pp. 135-144; Lília Moritz Schwarcz. "Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989; ----- . *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Arno Wehling. As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 338, 1983, pp. 7-16;----- .Historicisimo e concepção de História nas origens do IHGB. In: ----- (org.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: idéias filosóficas, sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, pp. 43-58.

<sup>10</sup> Apesar dos questionamentos, uma grande parte dos alunos possuía alguns exemplares das revistas de divulgação nacionais e recorreram ao seu próprio material; outros, de forma surpreendente, possuíam exemplares de revistas editadas em outros países, o que aparece em seus trabalhos.

<sup>11</sup> No sítio da Editora Abril está a história da empresa, ver <http://www.abril.com.br/br/conhecendo/>.

vezes estavam recebendo a primeira edição no país, com tradução por professores especialistas no autor ou no assunto, quebrando o preconceito existente contra a compra de livros em bancas de jornal. A série de sucessos editoriais foi interrompida com uma coleção de história do Brasil, a ‘Saga’, que não foi completada. Embora a Editora Abril se apresente como a pioneira na edição de obras de divulgação para o grande público consumidor, apenas atualizou uma forma de divulgação que já existia, a da edição de obras clássicas ou informativas em tiragens maiores que as usuais. Antes dela, existiram outras iniciativas de divulgação e popularização da cultura no país, que ainda não foram devidamente estudadas.

A coleção ‘Tesouro da Juventude’<sup>12</sup>, marco na vida de milhares de jovens leitores, foi difundida por vendedores em muitas das cidades do país, independente de seu tamanho e da existência de livrarias. O mesmo ocorreu com as coleções de obras de história como Cesare Cantú<sup>13</sup>, H. G. Wells<sup>14</sup> e Will Durant<sup>15</sup>.

A Editora Ediouro<sup>16</sup> tinha e ainda tem forte atuação na área da divulgação de autores clássicos, mas seus livros, em pequeno formato e em papel jornal, só podiam ser encontrados em livrarias. Além das citadas, existiram outras coleções de obras literárias destinadas a um público consumidor maior que o tradicional consumidor em livraria: a coleção ‘capa amarela’ de grande formato da Editora Globo de Porto Alegre – hoje Globo Livros<sup>17</sup>, com traduções de obras clássicas e contemporâneas, por intelectuais de renome, e, a coleção Saraiva, da editora do mesmo nome<sup>18</sup>, com volumes de pequeno formato, em papel jornal, que era vendida porta a porta para as famílias interessadas. A Editora Agir<sup>19</sup> também teve uma coleção de clássicos em pequeno formato e em antologia, ‘Nossos Clássicos’.

A estrutura de venda porta a porta que foi desenvolvida na primeira metade do século XX continua ainda em nossos dias, com enciclopédias escolares e coleções de obras informativas em geral.

---

<sup>12</sup> Esta obra teve diversas edições, pela W. M. Jackson Editores, dos anos vinte até os anos cinquenta.

<sup>13</sup> Cesare Cantú. *História universal*. Obra de tanto sucesso que recebeu várias edições, entre outras: a) Rio de Janeiro: Fluminense, 1883; b) Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1931; c) São Paulo: Américas, 1946. 32 v.; d) São Paulo: Edameris, 1970, ed. resumida.

<sup>14</sup> H. G. Wells. *História universal: da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 v.

<sup>15</sup> Will Durant. *História da civilização*. São Paulo: Ed. Nacional, 1943. 18 v. A obra teve edições em 1956 e 1967, e em outras editoras. O autor continua sendo editado no país, podendo suas obras ainda serem encontradas em livrarias. Dados sobre sua vasta produção podem ser encontrados no sítio da **Will Durant Foundation**, <http://www.willdurant.com/home.html>

<sup>16</sup> Ver em *Wikipédia, a enciclopédia livre*, sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>.

<sup>17</sup> Cf. <http://globolivros.globo.com/>; a Rio Gráfica Editora adquiriu em 1986 a Editora Globo. A história sintética da Editora Globo pode ser lida na *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Sítio: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora\\_Globo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo). Sobre a editora há a indicação do livro de Elisabeth Wenhausen Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, s.d., na Coleção Memória Editorial.

<sup>18</sup> Ver sítio: <http://sf.editorasaraiva.com.br/port/perfil/historico>; cf. dados da empresa, em 1946 foi lançada a Coleção Saraiva, dirigida por Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, que incluía autores nacionais e internacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Menotti del Picchia, Orígenes Lessa, Henry James, Edgar Allan Poe, Herman Melville, ilustrada por artistas de renome, como Aldemir Martins, Darcy Penteadado, Nico Rosso, com traduções de Otávio Mendes Cajado, Décio Pignatari, Nair Lacerda e José Geraldo Vieira. A forma de comercialização era por assinatura, feita por vendedores, com entrega do exemplar publicado mensalmente; vendeu milhares de volumes, pois editou 287 títulos, alguns dos quais com tiragem de até 50.000 exemplares.

<sup>19</sup> Ver histórico da empresa no sítio: <http://www.editoraagir.com.br/historico>; cf. dados, foi adquirida pela Ediouro, em 2002.

Da metade para o final do século XX, as bancas de jornal se tornaram o lugar de exposição da mais ampla variedade de publicações, de todos os assuntos possíveis e imagináveis, para todos os tipos de leitores.

### 3. O contexto

Há uma explicação corrente para o alto preço dos livros editados no Brasil: a falta de público leitor, pois existem poucas livrarias pelo país e, portanto, poucos leitores. Contudo, as vendas de ‘best-sellers’ desmentem tais afirmações: milhares de livros são vendidos em curto espaço de tempo. Se existissem tão poucos leitores no país, como afirmam as editoras de livros para venda em livrarias, as editoras que lançam seus produtos culturais em bancas de jornal não teriam crescido e multiplicado.

O crescimento das editoras especializadas em publicações para bancas de jornal deve ser relacionado com outros dados: aumento da população, predominância da urbanização, crescimento da escolaridade, aumento da renda familiar, capilaridade dos meios de divulgação de massa pelo país e interligação entre as diversas ‘mídias’.

Dos fenômenos citados, o aumento populacional se destaca: em 1950, a população do país era de 51.949.397, e, em 2000, de 169.799.170 de habitantes<sup>20</sup>. No mesmo período, a população urbana passou de crescente a dominante, decorrência de fatos distanciados no tempo, mas que explicam alguns aspectos do fenômeno: em 1938, todas as sedes de município passaram a ter o título de cidade, não importando a população; nos anos cinquenta a industrialização por substituição de importações e de bens de capital deslocou uma grande parcela da população de áreas rurais para algumas áreas urbanas; e, em 1988, a Constituição passou a permitir maior facilidade para a divisão de municípios e ampliou os repasses do governo federal para os entes municipais, o que possibilitou a expansão numérica deles. Em cada município, mesmo que não exista biblioteca pública ou livraria, obrigatoriamente deve existir escola fundamental básica, e, pode existir uma banca de jornal, mesmo que seja a única na estação rodoviária.

O processo de modernização econômica do país a partir de meados do século XX possibilitou a melhoria da infra-estrutura em transportes e comunicação; a ampliação do processo de escolarização com o objetivo da universalização do ensino fundamental e posteriormente do ensino médio; o emprego em setores que previamente não existiam; o crescimento da massa salarial; o crescimento do mercado educacional para atender a demanda de mão-de-obra mais especializada; o desenvolvimento de redes de comunicação via mídia eletrônica pelo país, que criaram um mercado nacional para determinados produtos, inclusive para os da indústria cultural.

A existência de milhares de aparelhos de televisão pelo país substituiu em grande parte a imprensa escrita como fonte de informação, por um lado, e, por outro, criou um outro mercado produtor e consumidor com a possibilidade de inter cruzamento de mídias. Os produtos culturais da televisão promovem a venda de publicações escritas – sobre ela mesma, os programas, os participantes de suas produções (autores, diretores, atores e outros especialistas). Também algumas produções televisivas, como telenovelas e minisséries promovem publicações escritas – os livros originais, as adaptações, e depois os vídeos, os cds e os DVDs. O lançamento de filmes, nacionais ou estrangeiros, com chamadas em televisão, e com eventual apresentação posterior em horários especiais, também alavanca publicações destinadas ao grande público, informando sobre a obra, roteiro, diretor, atores e outros especialistas. Os temas épicos ou históricos, quando explorados pelas mídias cinematográficas e televisivas, envolvem altos custos de

---

<sup>20</sup> Conforme dados do IBGE, no sítio: [www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/), em Síntese dos censos demográficos.

produção, que são parcialmente recuperados ou ampliados pelos produtos em paralelo: publicações impressas, vídeos, cds e DVDs, além de outros produtos destinados ao público infantil e/ou juvenil, da mesma forma que os filmes de entretenimento.

Se há momentos em que a sociedade ocidental parece esquecer da existência da história, apesar de estar imersa nela, em outros há preocupação com ela. Geralmente, em datas comemorativas de fatos históricos relevantes há a ressurgência do interesse pela história, quer como processo, quer como narrativa. Em determinados momentos, a sociedade como um todo se sente atraída por fatos históricos – em livros com temas históricos, biográficos ou pseudo-históricos; em filmes biográficos, épicos, históricos ou míticos; em docu-dramas históricos ou documentários sobre fatos históricos, reconstituídos com material de época. Não é possível identificar claramente se tal interesse é uma válvula de escape – fuga/refúgio para um tempo mítico de paz e segurança, ou, genuíno, para compreender a sociedade e o momento em que vive. Em nossos dias, no início do século XXI, há retomada da curiosidade por fatos históricos, que aparece tanto nas produções impressas, como nas cinematográficas e nas televisivas. Os motivos que provocam tal interesse podem ser variados: insegurança diante das transformações em curso; dificuldades de compreender a fase histórica em que vive; medo diante do desconhecido; necessidade de reafirmar o conhecido diante de outras propostas de organização social e tantas outras questões possíveis de serem arroladas.

Quanto as motivações que levaram ao lançamento das revistas de divulgação de história no país, Thatiana Murillo utiliza a referência das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento como o motivo para o lançamento de tais publicações<sup>21</sup>. A nosso ver, tal explicação não se aplica totalmente – teria pleno sentido se estas tivessem começado a ocorrer no mesmo ano ou no seqüente, o que não ocorreu, pois datam de 2003 em diante. As explicações podem ser procuradas tanto no contexto nacional – a consolidação do processo de urbanização, universalização da educação básica e suas conseqüentes transformações, como no maior acesso a informações internacionais, na divulgação em tempo real pela televisão dos fatos de setembro de 2001, na retomada do ciclo de guerras simultâneas, na sensação de ameaça diante do desconhecido que pode estar se aproximando – elementos que podem ter contribuído para que se concretizasse no país algo de novo, as revistas de divulgação de história. Devemos lembrar que tal tipo de publicação existe em outros países há muitos anos, desde o começo do século XX, mantendo continuidade e possibilitando a divulgação do conhecimento historiográfico a um grande número de pessoas, o que pode ter permitido o crescimento do mercado editorial dos livros especializados em história e das grandes coleções do final do século XX<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Ver nota 3.

<sup>22</sup> Além da venda de milhares de exemplares de algumas obras de história como *Le Dimanche de Bouvines: 27 juillet 1214*, de Georges Duby. Paris: Gallimard, 1986, e, *Montaillo, village occitan de 1294 a 1324*, de Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris : Gallimard, 1975, pensamos nas coleções como História das Mulheres e História da Vida Privada, que foram sucesso editorial destacado, foram traduzidas no Brasil e inspiraram coleções similares nacionais.



#### 4. Cultura de massa

È muito interessante para o historiador verificar como a conceituação de ‘cultura de massa’ tem sido vista pela sociedade, principalmente em uma proposta como a que fizemos, de explorar uma fonte da cultura de massa impressa, destinada a um público leitor não especializado.

A conceituação da existência de uma ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ se opõe a de uma ‘cultura erudita’, mais valorizada porque de ‘melhor qualidade’, mais restrita e limitada aos que a ela têm acesso, por poder aquisitivo e domínio cultural.

A ‘cultura erudita’ é resultante da decantação da produção cultural da sociedade ocidental cristã e é o cânone dos valores culturais - a ‘alta cultura’ é o conhecimento e apreciação dos clássicos na literatura, música, balé, teatro, pintura e escultura, em oposição a uma outra cultura, considerada inferior por não ter o mesmo conteúdo e relevância, produzida e vivenciada no cotidiano pelas pessoas comuns, ‘a cultura popular’, que é muitas vezes confundida com ‘folclore’, em uma concepção conservadora e nacionalista estreita.

Tomada em senso estrito, a concepção canônica de cultura faz com que toda a produção cultural do mundo moderno industrial do século XIX e do pós-industrial do século XX, todos os questionamentos, críticas, leituras e releituras da sociedade contemporânea fiquem fora dos parâmetros estabelecidos.

Mas a produção cultural possui a sua própria dinâmica, riqueza e complexidade, e é indicativa da reflexão e crítica do mundo no qual o indivíduo produtor/consumidor está inserido e vive. Para os artistas contemporâneos, o cânone não é um obstáculo. Na realidade diária da sociedade pós-industrial, todas as artes se libertaram do cânone. A multiplicidade das formas de expressão literária e artística é quase impossível de ser totalmente conhecida em nossos dias. O rádio, o cinema e a televisão se inscreveram no campo da produção e da reprodução cultural, da mesma forma que a imprensa. E o mundo da produção digital está seguindo a mesma trajetória, de modo mais acelerado.

Contudo, a resistência às novas formas de arte e conhecimento ainda é grande. No campo dos estudos humanísticos, o domínio do cânone se manteve por mais tempo. E só no último quartel do século XX ele passou a ser questionado por grupos feministas, étnicos, de culturas minoritárias e pelos pesquisadores pós-modernos, que exigem que a noção de cultura seja mais inclusiva e menos restritiva.

A valorização da oposição entre a ‘cultura erudita’ e a ‘cultura popular’ pode ser entendida como uma atitude socialmente conservadora, a partir da Revolução Francesa, em que o conceito de ‘povo’ para os conservadores e contra-revolucionários era o de uma ‘ameaça’ a seu modo de vida. A preservação dos valores da sociedade estamental encontrou na valorização do cânone apoio e a justificativa de uma concepção de sociedade, a partir de meados do século XIX, quando ‘povo’ e ‘massa’ se tornaram quase que sinônimos de ameaça social.

Nos movimentos revolucionários políticos e sociais dos séculos XIX e XX, uma das propostas mais atraente é a da democratização de acesso de todas as pessoas a todos os bens, políticos e econômicos, a partir da alfabetização universal, e, principalmente aos bens culturais.

A idéia de separação rígida entre a chamada ‘alta cultura’ e a ‘cultura popular’ foi questionada por Bahktin<sup>23</sup> ainda na primeira metade do século XX, e, o tema da circularidade das idéias entre grupos sociais, no final do século XX, encontrou apoio em historiadores da história cultural, como Roger Chartier e C. Guinzburg, entre outros, e, principalmente nos autores pós-modernos.

## Os resultados

Os resultados obtidos foram surpreendentes, para nós e para os alunos. Para nós, pela localização de inúmeras publicações destinadas a suprir a curiosidade do público sobre temas históricos – em níveis de informação diferenciados, desde as mais elementares até as que apresentam resultados de pesquisas acadêmicas, em linguagem acessível ao não-especialista. Nosso ponto de partida para a proposta do trabalho havia sido o conhecimento das revistas *Nossa História* e *História Viva*. Os alunos conheciam algumas outras e localizaram outras tantas, que não eram tão conhecidas, e que aparecem nos textos que seguem. E também pela capacidade demonstrada pelos alunos de pesquisar informações, mesmo as que exigiram contato direto com as editoras e com os editores; analisar conteúdos sob aspectos variados, demonstrando que o processo de formação fragmentada, proposto pelo Departamento de História, apesar da dificuldade de explicitação, está proporcionando ao corpo discente uma formação adequada ao mundo contemporâneo.

Para os alunos, podemos comentar de um lado que com a aprendizagem da prática de pesquisa - seleção de tema, seleção de fontes, coleta de dados, análise de conteúdo, contextualização e redação de um texto sobre a pesquisa e os resultados obtidos, houve a possibilidade de aprender como usar material diferenciado do tradicional (textos de livros e excertos de documentos), experiência que pode ser transmitida a práticas de ensino de história em outros níveis. Por outro lado, esperamos que os mais renitentes tenham aprendido a aceitar a produção cultural da sociedade em que vivem. Consideramos que se há experiência e vivência da postura crítica em relação à formação socioeconômica e cultural em que estão inseridos, a manutenção de preconceitos sobre a ‘cultura de massa’ e a exigência do cânone cultural são elementos contraditórios que precisam ser enfrentados. E o que a nosso ver foi o mais importante: tiveram eles a experiência da apreensão ‘a quente’ de dois conceitos teóricos que marcam a sociedade atual – a da circularidade das idéias na cultura, e, a da fragmentação das identidades sociais. Lembramos ainda que nas análises de conteúdo foram localizadas algumas das teorias de história, que haviam sido apresentadas e discutidas no transcurso das aulas teóricas e das leituras, demonstrando na prática a longa vigência de idéias na cultura e na sociedade.

Os textos que seguem a esta apresentação são todos os trabalhos de curso da disciplina, resultantes das pesquisas e análises dos alunos. Alguns são trabalhos individuais, outros coletivos. Cada um deles representa a trajetória de pesquisa que foi percorrida, os interesses, curiosidades e idiossincrasias dos autores. Não foi realizada a normalização

---

<sup>23</sup> BAHKTIN, M.. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília:UnB, 1987.

dos textos e nem estão apresentados os comentários da avaliação. A finalidade da publicação é reconhecer os esforços empregados na pesquisa, o empenho e interesse demonstrado, além de colaborar com outras pessoas que tenham alguma curiosidade sobre o material de divulgação de história impresso disponível em bancas de jornal.

Agradeço a Silene Ferreira Claro, doutoranda no Programa de História Social/FFLCH/USP, linha de pesquisa História da Cultura, monitora da classe no PAE/FFLCH/USP primeira fase, o apoio, as sugestões e a relação estabelecida com a classe, que muito contribuíram para o bom desenvolvimento do curso e das atividades. E a todos os alunos que cursaram a disciplina e que no decorrer do semestre selecionaram o material com que pretendiam trabalhar, defenderam suas escolhas, descreveram as dificuldades encontradas, apresentaram as soluções e os resultados obtidos. Eles se encontraram com o que os pesquisadores em história costumam enfrentar: problemas de acesso a fontes e as informações, impossibilidade de usar o material inicialmente previsto, desconforto com os resultados obtidos, questões que não puderam ser respondidas, e tudo o mais que acontece depois do trabalho escrito e entregue.

Espero que a experiência tenha sido tão proveitosa para eles como foi para nós e que a noção de que estamos imersos na história – mesmo explorando um tema restrito e aparentemente limitado, tenha se tornado mais clara e compreensível. E que a função da disciplina Teoria da História no processo de formação tenha adquirido sentido.  
São Paulo, segundo semestre de 2005.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS  
HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
TEORIA DA HISTÓRIA I

**Análise de Artigos das Revistas:**  
**História Viva e Aventuras na História**

Alunos:  
Cristian Sebok – 4948359  
Josiane de Melo Silva - 3533595  
Marcelo Eduardo Lopes – 3540627  
Ricardo Ferreira da Silva – 3319950  
**Profa. Dra. Raquel Glezer**

São Paulo - 2005

## **Introdução**

Nesse trabalho pretendemos analisar as principais matérias das seguintes Revistas: História Viva (Março de 2005, n. 17) e Aventuras na História (Dezembro de 2004, n. 16) que tratam acerca da temática do cristianismo.

À primeira vista, a diagramação da capa da *História Viva* parece como a de grandes revistas colocadas no mercado: uma manchete, que podemos considerar como a “Matéria de Capa” e algumas menções menores a outras matérias, entretanto, ao ler a revista percebemos que a proposta não é fazer um relato jornalístico dos fatos históricos, mas sim dar um caráter histórico aos fatos.

*História Viva* pode ser considerada a edição brasileira da revista francesa *História* principalmente pelo fato de reproduzir na Edição Brasileira, artigos publicados na Revista francesa. Segundo o site da edição francesa o objetivo é tratar a História como sendo um instrumento para entender os desafios do presente

Segundo o site da edição brasileira (<http://www2.uol.com.br/historiaviva/>) a tiragem da Revista é de 70.000 (setenta mil exemplares) e é editada pela Duetto Editorial que, segundo o site “é resultado da associação de duas importantes editoras brasileiras, a Ediouro Publicações, com sede no Rio de Janeiro e a Editora Segmento, com sede em São Paulo. Ela é a materialização de uma estratégia comum a ambas editoras: entrar vigorosamente no mercado de revistas destinadas ao leitor final. Para isso, ela conta com o suporte, experiência e estrutura das suas acionistas, que conhecem em profundidade o mercado editorial brasileiro.”

Menor que “Nossa História” no que se refere ao número de páginas e ao tamanho das matérias, “Aventuras na História” é um conteúdo a parte da Revista “Super Interessante”, ou seja é um ramo da revista, dedicado exclusivamente a trazer questões sobre História

Pela publicidade, percebemos que há poucos anúncios, sendo que os existentes, resumem-se apenas a divulgar outros produtos do Editorial da Revista: “Os 10 maiores Ditadores”, “Grandes Guerras” e também os produtos do Grupo Abril, que é a Editora da “Super Interessante”. Ao contrário da “História Viva”, não possui publicidade que explicita a que público pretende se destinar. Parece estar ancorada no público da “Super Interessante” que tem interesse por História.

Segundo o site (<http://www.abril.com.br>) A Editora Abril “é um dos maiores e mais influentes grupos de comunicação da América Latina, com uma receita líquida de R\$ 2,1 bilhões em 2004. Publica mais de 344 títulos (90 regulares e 254 edições one shots e especiais) e é líder nos segmentos em que opera. Suas publicações têm uma circulação de 178 milhões de exemplares, em um universo de 26 milhões de leitores. Sete das dez revistas mais lidas do país são da Abril, sendo que Veja é a quarta maior revista semanal de informação do mundo e a maior fora dos Estados Unidos. A Abril também detém a liderança do mercado brasileiro de livros escolares com as editoras Ática e Scipione, que, em conjunto, publicam 3.736 títulos e produzem 56 milhões de livros por ano.” Ou seja mediante essa popularidade percebemos que “Aventuras na História” é destinada ao público em geral, não necessariamente educadores em história, é um produto com uma linguagem simples, fácil de entender e voltada ao grande público.

A matéria “*O Triunfo da Cruz*”, matéria de capa da Revista Aventuras da História n.16 (Dezembro de 2004) ao contrário da análoga em “Nossa História” é composta somente por um texto com uma cronologia da trajetória do Cristianismo até o ano de 2004. A matéria é escrita por Yuri Vasconcelos, jornalista, portanto, num primeiro momento, podemos esperar uma matéria

com um enfoque muito mais jornalístico do que histórico, ou seja, o fato histórico descrito sem uma produção historiográfica e sem embasamento em documentação.

### **Análise historiográfica do artigo “O triunfo da cruz”**

#### ***Revista Aventuras na História***

O jornalista Yuri Vasconcelos, autor da matéria “O triunfo da cruz” começa a tratar do tema da expansão do cristianismo a partir do segundo parágrafo da matéria. Em determinado momento de sua introdução ele deixa evidente seu objetivo na análise do tema: quer mostrar como se processou o crescimento da religião cristã, bem como seus seguidores, não pela explicação da perspectiva mística, divinizadora, mas por fatos históricos. Resta saber quais serão os métodos por ele aplicados.

Para explicar o fenômeno da expansão do cristianismo, o autor recorre a um breve relato dos primeiros passos dos apóstolos rumo à difusão da nova religião. Utilizou-se do argumento de um professor de ciências da religião da faculdade Metodista de São Paulo, para falar do sincretismo religioso e da criação de um mito na imaginação das pessoas sobre os fatos ocorridos com Jesus.

Para afirmar que a mensagem cristã sobreviveu em Jerusalém entre os judeus requereria, no mínimo, talvez, algumas perguntas-chaves para o entendimento daquele momento histórico, portanto, dotado de uma espacialidade e temporalidade específica. Talvez se perguntar como isso pôde ter sido possível, dado o fato que embora fosse uma dissidência surgida no seio do judaísmo, foi rejeitada pelas elites religiosas e sua aceitação entre os poucos demandaria um esforço enorme e ao mesmo tempo corajoso destes primeiros cristãos. Principalmente no convencimento da figura divina de Jesus, coisa que o autor da matéria não menciona. Entretanto, nota-se que não foi preocupação do jornalista Yuri Vasconcelos dispor-se de tais reflexões, sua explicação a tal fenômeno, é descrita em pouquíssimas linhas:

*“A mensagem sobreviveu em Jerusalém entre judeus e não há indícios sobre atos de perseguição aos cristãos por parte dos romanos ou das autoridades judaicas”.*

Saltos gigantescos no tempo histórico são uma constância no desenvolvimento do tema. Simplismos aplicados a questões extremamente complexas constituem outras falhas cometidas

durante sua argumentação. O jornalista cita a destruição de Jerusalém entre os anos de 1966 e 1970 da era cristã e conecta a este fato à sorte do cristianismo como se fosse a única e miraculosa razão da sobrevivência desta religião. Descreveu assim:

*“(...) para sorte do cristianismo, quando isso aconteceu a maioria dos cristãos não estava mais lá”.*

A própria forma de linguagem empregada por vezes parece dar um tom meio infanto-juvenil. Expressões do tipo *nadinha*, a pergunta: *Não parece muito, não é verdade?* referindo-se a quantidade de cristãos seguidores no final do primeiro século. Analisando como Yuri Vasconcelos faz a abordagem deste tema, é possível perceber sua visão ocidentalizada do mundo ao afirmar que:

*“Mas os cristãos haviam sobrevivido e, o mais importante para a nossa história, chegou ao centro do mundo. Roma”.*

Talvez se possa compreender quais são suas concepções do processo histórico a que se propôs trabalhar no tema escolhido. Usa a linha cronológica e explica a ocidentalização do mundo através do cristianismo. Percebe-se claramente que a única base de apoio no discorrer do tema que o jornalista Yuri Vasconcelos lançou mão restringiu-se a declarações de pastores e padres teólogos e professores de universidades. Não há citação de nenhuma obra e nem documento de época, dando um caráter duvidoso ao texto que nos faz suspeitar ter sido construído somente de entrevistas e uma cronologia informativa muito básica.

Ao destacar a organização da igreja cristã como um dos fatores mais importantes para explicar a sobrevivência do cristianismo no século V, o autor parece conduzir o leitor a uma linha lógica de pensamento de um certo “heroísmo” da continuidade cristã, ressaltando o aspecto desbravador desta igreja como a responsável por tal façanha.

Nas várias situações de risco, citadas no texto, que se colocaram como perigos à sobrevivência da religião cristã, o autor privilegia a ação dessa igreja atribuindo-lhe qualidades que a fizeram triunfar. Pode estar implícito neste raciocínio a idéia de que quando a igreja está prestes a sucumbir, algo fantástico sempre acontece e a “religião” (a igreja) resiste às barreiras e prossegue. Exemplo disto é o trecho: *“Mais uma vez, o cristianismo soube se adaptar aos novos tempos”.*

No decorrer do texto, o autor acaba cometendo um erro ao cair num determinado vício, próprio de quem desconsidera conceitos básicos de análise de um determinado tempo: o



anacronismo. Evidente que o apontamento das falhas no texto da revista em questão, é aqui tratada pela perspectiva do historiador em seu trabalho investigativo que leva em consideração o respeito pela temporalidade das palavras e seus sentidos.

Em decorrência deste sistema teórico metodológico peculiar ao historiador, é inevitável não perceber as palavras fora de lugar e tempo contidas no texto. Ao afirmar que o cristianismo está intimamente ligado à formação dos Estados nacionais, o autor não respeita períodos e contextos, onde não é possível falar em nação e muito menos em nacionalidade. Como por exemplo, no período em que predominou o sistema feudal em determinadas áreas da Europa, onde a possível identidade comum fosse ser cristã, além de citar classe média se referindo à nascente burguesia. *“A maioria das religiões daquela época era ligada à etnia, à nacionalidade”*, se referindo do século IV ao XVI.

O autor deixa transparecer sua visão de determinados fatos ao declarar o seguinte termo: *“Mas neste novo mundo que nascia haveria espaço para católicos e protestantes. Os europeus haviam chegado à América e, com isso, mais um contingente enorme de almas pagãs estava pronto para ser conquistado”*, comprando a idéia eurocêntrica de que a história nas Américas só passou a ter sentido com a chegada dos europeus.

Parece querer passar uma espécie de idéia harmonizadora do processo histórico. Referir-se às populações indígenas como almas pagãs seria como concordar que elas precisassem ser evangelizadas. Nota-se uma certa parcialidade na compreensão do jornalista, ao passo que é sabido, ser a neutralidade componente que faz parte do exercício de sua atividade.

Ao mencionar o iluminismo como corrente filosófica que priorizava o ser humano e o uso da razão, o autor cita o filósofo Voltaire e uma única frase sua onde chama o cristianismo de “coisa infame”. Depois resume toda a complexa relação dos iluministas com a igreja Católica (e não com o cristianismo em si como transmite o autor) afirmando que *“a preocupação básica do homem não era a vida futura, como pregava a religião, mas a satisfação neste mundo”*. Fica um tanto implícito a vontade de reduzir e quem sabe descaracterizar, o que foi na profundidade o iluminismo e seus desdobramentos, posto que não foi um processo homogêneo e muito menos monolítico.

Por vezes, já no final do texto, o autor coloca o protestantismo como pertencente a esta igreja que cresce e se espalha. Contudo, ele não deixa claro quais são as igrejas envolvidas em determinados processos, no que as distinções perdem-se à medida que ele vai generalizando o

tema cristianismo. Já no último parágrafo, uma brevíssima citação ao fenômeno do pentecostalismo surgido nos Estados Unidos e a conclusão do autor Yuri Vasconcelos sobre o tema “o triunfo da cruz”.

Ele finalizará seu artigo retomando a idéia do esforço da igreja Católica em modernizar-se em 1960 no Concílio Vaticano II, e os desafios da igreja frente a temas polêmicos na sociedade como aborto, homossexualismo, crescimento da fé islâmica, etc. Concluiu-se que o autor fechou seu tema falando exclusivamente da trajetória e da atual situação da igreja Católica.

Algumas considerações finais fazem-se necessárias quanto ao propósito metodológico da produção da matéria de capa da revista Aventuras na História, edição 16, com o título “O triunfo da Cruz”, feita pelo jornalista Yuri Vasconcelos. Por se tratar de um tema bastante amplo como a expansão do cristianismo, não foi mencionada na matéria esta expansão ao Oriente. Deveria ter sido abrangido na pesquisa do jornalista o cristianismo no Oriente, sobre a igreja cristã Ortodoxa, que somente foi citada no final do texto como alvo do papa João Paulo II em suas missões de reaproximação. Pois a proposta da capa da revista e do tema foi explicar a expansão do cristianismo como um todo e não somente do cristianismo Católico e Evangélico.

Segundo pesquisa feita sobre o autor Yuri Vasconcelos, responsável pela matéria, descobriu-se que o mesmo é jornalista, mas não é especialista em História das religiões. Ele produz matérias de outras naturezas não sendo especialista em cristianismo.

Descobriu-se que ele trabalha com vários temas, cobrindo desde reportagens sobre turismo até pesquisas sobre clonagem. Talvez isso explique a ausência de uma bibliografia básica que desse conta do recorte histórico feito, da falta de documentos escritos ou iconográficos que pudessem sustentar suas afirmações.

Notou-se também que, curiosamente a indicação de leitura deixada no campo “saiba mais”, são exclusivamente de editoras cristãs que publicam somente textos cristãos.

Contraditoriamente ao que nos foi apresentado na introdução da matéria, o autor quis mostrar-se imparcial na análise do tema, contudo, acabou descartando uma quantidade muito grande de obras seculares sobre o assunto, deixando certas dúvidas quanto sua opção e neutralidade no tema desenvolvido.

Enfim, considerando todas as limitações do autor na apresentação de seu texto, constata-se que o texto não foi escrito para uma comunidade acadêmica muito menos para eclesiásticos, buscou-se um outro tipo de público, não apenas católico ou evangélico propriamente, quem sabe

um outro segmento descoberto para este tipo leitura simples e superficial, mas que se demonstra ser promissor num novo mercado editorial.

### **Análise historiográfica do artigo “Arautos da nova fé”**

#### ***Revista História Viva***

“Arautos da nova fé”, na verdade é uma seleção de seis textos escritos por autores diferentes que tratam do período inicial do cristianismo (da morte de Cristo até o século IV), focando em especial o extraordinário papel missionário dos primeiros apóstolos.

O artigo se inicia com “Pedro, o primeiro líder missionário” de Aimé Savard, que procura descrever a participação de Pedro no cristianismo nascente em Jerusalém nas primeiras décadas após a morte de Jesus e o processo de emancipação da nova religião do judaísmo.

O segundo, “Marcos, os passos do nazareno” de Elian Cuvillier, trata da identificação do autor do primeiro evangelho abordando também as controvérsias existentes sobre a vida de Marcos, provável escritor desta primeira crônica sobre a vida de Jesus.

“Paulo, a humanização de Deus” também de Cuvillier, versa sobre a trajetória do judeu Saulo de Tarso (posteriormente conhecido como Paulo) e sua missão desempenhada para a expansão, a unidade e a fundamentação teórica do cristianismo.

O texto de Étienne Tocmé, “A vida em branca nuvem”, desenvolve as principais características das discretas, mais fervorosas comunidades cristãs a partir do ano 100 quando já estão emancipadas do judaísmo, evidenciando inclusive os sérios debates sobre as opiniões dissidentes.

“Andarilhos do mediterrâneo” de Jacques-Noël Pérès, aborda a expansão e a consolidação do cristianismo durante os primeiros séculos na região do mediterrâneo, sublinhando as questões sobre os primeiros indícios da nova religião em Roma, na Espanha, no Norte da África e na Grécia. Mais uma vez Paulo é colocado em extrema relevância.

Por fim, Jean-Marc Prieur no “O orgulho do martírio” defende que se criou neste período inicial uma teologia e espiritualidade do martírio que foi de fundamental importância para expandir e fortalecer a fé cristã.

Os cinco autores são acadêmicos (com exceção de Savard que apesar de ser um estudioso de história das religiões é jornalista, antigo editor chefe da revista La Vie), franceses, protestantes

e especializados, ou pelo menos com grande interesse, pelo período inicial do cristianismo. Isto justifica uma certa convergência na metodologia, na linguagem e no estilo dos autores.

Cuvillier é escritor, teólogo e professor titular da cadeira de Novo Testamento no Instituto Protestante de Teologia da Faculdade de Montpellier, sua obra sobre a teologia da cruz no evangelho de Marcos é inovadora e de grande influência.

Trocmé é professor emérito da Universidade de Estrasburgo e contribuiu muito para a teologia protestante e católica com artigos (publicados inclusive pela editora católica CERF), comentários da bíblia, e seus livros, dos quais destaca-se “O início da historiografia Cristã e a História do Cristianismo nascente”.

O pastor luterano Pérès é professor de teologia especializado em patrística e sua pesquisa é voltada principalmente para a literatura apócrifa, de fato ele é o que mais usa este tipo de fonte em seu artigo, como por exemplo, quando ele cita alusões de Clemente Romano (95) e de Jerônimo (séc IV).

Prieur é professor de História da Antiguidade Cristã no Instituto de Teologia Protestante da Universidade Marc-Bloch, e suas áreas de pesquisa são: apócrifos cristãos, práticas eclesiais, doutrinas, historiografia da antiguidade cristã.

Além destes cinco autores há a contribuição de Jean-François Zorn com um box sobre “A presença (tardia) na África” do cristianismo. É pastor da Igreja reformada da França e diferentemente dos demais, ele é professor de História do cristianismo na época contemporânea.

Da mesma forma que noventa por cento das capas da História Viva relaciona-se com o que está sendo divulgado na mídia, este artigo de capa sobre o cristianismo saiu na época do lançamento do filme Lutero. Além disto, é um tema extremamente explorado no Brasil, justamente por ser o país com maior população cristã do mundo.

O tema das origens do cristianismo vem ao encontro daquilo que um leitor comum espera de uma revista sobre História, por estar introjetado na mentalidade da sociedade que História limita-se à história retrospectiva. Ou seja, nesta perspectiva, a função do historiador é definir quando determinado fenômeno, pessoa, período, religião teve início e como, de que e de quem surgiu.

Os artigos surpreendem não trazendo somente uma história narrativa retrospectiva, mas, fazendo história documental como no artigo sobre o evangelho de Marcos e com a enumeração dos documentos que marcaram o início do cristianismo por Pérès, história da expansão

missionária principalmente com Pérès novamente e com o artigo sobre Paulo, história social e confessional no artigo de Trocmé, em especial quando ele cita a queda da transponibilidade das barreiras sociais nas comunidades cristãs, e até uma pequena história de períodos com Savard que partindo do conflito com o judaísmo definiu os primeiros anos do cristianismo como o período idílico, seguido pelo do comando de Pedro, passando para o comando de Tiago que mantiveram as práticas obrigatórias judaicas até 62 quando a Igreja viria a ser cada vez mais paulina. Tudo isto, segundo o autor, enquadra-se no período de associação do cristianismo com o judaísmo, que termina em 70 quando aquele passa a vigorar definitivamente emancipado deste.

A revista “História Viva” é que seleciona, diagrama, ilustra, divulga e publica o artigo, apesar dos textos inicialmente serem escritos para a revista francesa “Historia” editada pelas Publicações Tallander (segundo o site da edição francesa o objetivo dela é tratar a História como sendo um instrumento para entender o presente).

A editora da versão brasileira, Ibañez, define claramente no editorial seu objetivo com este artigo, que é o de inovar este tema tão explorado, principalmente no que se refere aos martírios dos crentes, mudando o foco para o da propagação dos ensinamentos de Jesus levados a cabo primeiramente somente com a palavra dos missionários.

É verdade, todavia, que ela decidiu não deixar de fora o tema do martírio com o texto de Prieur que constata uma mitização e adoração destas mortes decorrentes de perseguições apenas esporádicas e localizadas quase como se fosse uma estratégia para fortalecer e expandir a nova fé. Desta forma, este autor toma a posição contrária dos defensores da intervenção divina por meio da fé na história, já que, poder-se-ia creditar às milhares conversões o poder da graça divina e não somente a exaltação e a espiritualização do martírio.

De modo geral o artigo é escrito mais para um leitor não possuidor de grandes conhecimentos da bíblia, porém, com um mínimo de informação sobre História Antiga Ocidental e que se interesse por história, especificamente, história do cristianismo, do que uma pessoa interessada em religião, teologia e espiritualidade. Isto porque a ênfase nos artigos é muito mais sócio-político-missionária do que confessional-dogmática.

Podemos incluir no rol dos interessados por essa Revista, os profissionais de educação na área de História. Uma boa maneira de perceber isso é verificando os anúncios publicitários.

Os anúncios que constam na página posterior à capa e na contracapa são, respectivamente, do 34º Concurso Internacional de Redação de Cartas para Jovens – financiado pelos Correios e

Ministério da Comunicação – e da Fundação Banco do Brasil. No primeiro, percebe-se o apelo que é feito aos educadores para que incentivem seus alunos a participar do concurso. No segundo, há uma propaganda dos projetos sociais da Fundação do Banco do Brasil voltados para educação.

O que torna estes trabalhos de muito valor para qualquer leitor é a fidelidade aos documentos históricos da época e a forma pedagógica e simples com que são expostos. Isto se demonstra na constante referência aos documentos, inclusive com longas citações (como a primeira pregação de Pedro) e com anexos de alguns trechos (como as passagens cinco e seis da carta a Diogneto); e nas definições de termos, relativamente conhecidos por leitores da bíblia (como fariseu e saduceu).

Cada autor trabalha com um tema diferente e possui posicionamentos e estilos diversos, porém todos os textos tendem claramente a ser mais analítico que descritivo. A preocupação destes autores evidentemente não é transmitir ao leitor o que de fato ocorreu nos primeiros anos do cristianismo, mas levantar e discutir os principais debates sobre a época enfatizando a mentalidade de então e os efeitos do cristianismo naquela cultura.

São de forma geral temas subjetivos, e por isso naturalmente não descritivos, exigindo análises que fazem transparecer a opinião e a seletividade interpretativa (no que se refere aos documentos, ao tema, e ao enfoque) dos autores.

O artigo está inserido numa revista não científica e, por isso, inscrito dentro de uma lógica jornalística, com títulos chamativos, que despertam curiosidade e subtítulos conclusivos, simplistas e tendenciosos, muitas vezes discordantes com a posição e o estilo do autor; com uma clara preocupação factual ignorando a possibilidade de aprofundar e expandir o tema; com quadros explicativos visando fazer a ligação do tema com o presente (de forma também a justificar a utilização daquele espaço da revista pelo tema e não por outro) e ilustrando o artigo com informações extras que não necessariamente enriquece a discussão trazida pelo autor, inclusive porque são em grande parte pouco relacionadas com o tópico desenvolvido; e com figuras inseridas de forma bastante aleatórias, possuindo um valor ilustrativo apenas, apesar da legenda com a fonte e a autoria contrariarem a praxe jornalística.

Por outro lado, o conteúdo dos textos em si é mais acadêmico do que jornalístico, pois, busca construir teses, *“Documentos antigos de origem cristã mostram que houve uma teologia e uma espiritualidade do martírio”*.(Priour), *“Pouco se sabe desse discípulo. Tudo indica que era judeu”* (Cuvillier), *“se os discípulos de Jesus se distinguiram, não era por rejeitar o judaísmo, e*

*sim por retomar suas origens” (Savard). Durante todo este texto, Savard procura convencer o leitor da profunda ligação entre estas duas religiões. Os particularismos dos cristãos causavam tensões com a elite conservadora judaica, o que explicaria a permanência da cultura do povo judeu nas primeiras comunidades cristãs que, obviamente, não se resumia apenas a esta elite. Além disso, os autores tomam partidos que indicam a sua orientação teórica, “Tantos indícios e testemunhos fazem com que seja aceita a tradição que diz ter sido em Roma que Paulo teve a cabeça cortada e que Pedro foi crucificado”(Pérès). “Recusavam a tentação do rigorismo, que fecharia as portas e obrigaria cada um a se voltar para si mesmo, impedindo-o assim de ver os outros, de viver com os outros” (Pérès), “O aspecto positivo é que eles eram de uma lealdade absoluta com relação às autoridades políticas e honestos nos negócios” (Trocmé, deixando explícito que o forte moralismo relatado anteriormente seria o aspecto negativo). “a lenda contamina a história” (Cuvillier). Cuvillier, de fato, demonstra um grande zelo ao Novo Testamento considerando-o como a única fonte plenamente confiável, que dá à lenda uma “fundamentação histórica sólida”, e, portanto, para ele, as demais fontes devem ser avaliadas “com cuidado”.*

Apesar destas opiniões serem compartilhadas e até mesmo apoiadas por muitos outros historiadores, o aspecto mais evidente presente nos cinco autores é a análise de documentos históricos, como livros apócrifos (atos dos Mártires, carta a Diogneto), documentos da época (Manuscritos do mar morto, textos de Clemente de Alexandria, de Tertuliano, sepultura do bispo Frutuoso de Tarragona, Vida de Cláudio escrito por Suetônio) e primordialmente o Novo Testamento, sem utilizar, em nenhum momento, comentários ou interpretações de outros historiadores (com exceção feita à menção por Cuvillier de um exegeta do início do século XX para reforçar a sua interpretação da natureza do evangelho de Marcos).

## Considerações finais

Embora Yuri Vasconcelos, na revista “Aventuras na História”, pretenda expor o processo de crescimento do cristianismo, ao longo do artigo, percebemos que seu objetivo não foi alcançado já que os métodos por ele aplicados e o conteúdo raso e tendencioso levou a matéria a uma outra direção.

Yuri Vasconcelos baseou seu artigo numa cronologia básica e em argumentos de padres, pastores e professores, demonstrativo de que possivelmente não houve uma reflexão e pesquisa própria, ou seja, não houve qualquer fundamentação a partir de documentos ou obras historiográficas.

Perpassou a história do cristianismo com enormes saltos e tratou sobre questões difíceis de forma acabada - apresentando respostas ao leitor interessado pelo assunto - e também de modo supérfluo já que, por exemplo, fez comparações anacrônicas conforme foi exposto durante a análise da revista.

Não obstante, os escritores do artigo da Revista História Viva, tratam da origem do cristianismo com um foco mais sério e centrado. Por serem acadêmicos (com exceção de um deles), discorrem sobre seus temas de modo mais profundo e consistente que Yuri Vasconcelos, e o método que utilizam corresponde ao objetivo por eles lançado em seus textos, o que configura outro contraponto a “Aventuras na História”.

Enquanto na primeira revista, há ausência de documentos que pudessem justificar as afirmações de Yuri Vasconcelos, na segunda revista eles são parte integrante do artigo e dialogam com as idéias expostas pelos especialistas.

Enfim, enquanto o artigo analisado de “Aventuras na história” se pauta em generalizações, superficialidade, clichês, parcialidade e repostas acerca do cristianismo, o da “História Viva” é constituído por especificidades, ou seja, utiliza-se do recurso do corte temporal e espacial para o desenvolvimento da matéria, traz à tona novas questões devido à profundidade do tema, não se ocupam do “lugar comum”, ou seja, suas opiniões são fortemente fundamentadas, imparciais e ao invés de soluções ao assunto tratado, indicam possibilidades de problematização sobre o cristianismo.



# **ECLÉTICA - 2005**

**Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP.**

## **A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL**

### **Créditos:**

#### **Universidade de São Paulo**

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

#### **Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

#### **Departamento de História**

Chefe: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Suplente: Profa. Dra. Maria Lígia Prado

#### **Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer**

Monitora PAE – Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro

Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.